

PORTUGUESISMOS E O VOCABOLARIO DEGLI ACCADEMICI DELLA CRUSCA

Benilde Socreppa Schultz*

RESUMO: *O Vocabolario degli Accademici della Crusca, primeiro dicionário monolíngue de uma língua românica, foi impresso em Veneza, no ano de 1612, e seguidamente reeditado em 1612, 1623, 1691, 1729/1738 e 1863. Suscitou imediatamente um grande interesse, mas também provocou veementes discussões, pois seguia a orientação purista de Pietro Bembo, defensor da corrente arcaizante da língua. Apesar desta e de outras críticas ao Vocabolario, não se pode desconsiderar a relevância desta obra para a humanidade. Para De Mauro (1963:451), representa uma inovação na construção de dicionários, seja pela quantidade de vocábulos, seja pela riqueza do paradigma informacional, especialmente pelas modificações ocorridas no paradigma definicional, não mais apresentando somente sinônimos, mas procurando dar uma definição do vocábulo da entrada. Nesse trabalho, propomos analisar os empréstimos do português na última edição de 1863, verificar o tratamento lexicográfico dado a alguns deles, fazendo um contraponto com o Dicionário da Língua Portuguesa de Morais e Silva, segunda edição de 1813.*

PALAVRAS-CHAVE: *empréstimos do português; Vocabolario degli Accademici della Crusca; Dicionário Morais e Silva.*

ABSTRACT: *The Vocabolario degli Accademici della Crusca, first monolingual dictionary of a Roman language, was printed at Veneza, in the year of 1612, and, was following reedited in 1612, 1623, 1691, 1729/1738 and 1863. Immediately many people had interest in it but, at the same time, the book provoked vehement discussions as it followed the purist Pietro Bembo orientation who defended archaic Italian language tradition. In spite of being so criticized, one could not disconsiderer the relevance of this book for the humankind: due to the richness of the informational paradigm, especially for the changes made at the definitional paradigm which no longer presented only synonyms .but also tried to give a definition of the entry lexical item. In this work, we intend to analyse linguistics borrowings from Portuguese language in the ultimate editon (1863) verifying the lexicographic treatment given to some of the borrowings. Finally, the Vocabolario degli Accademici della Crusca is contrasted with the Dicionário da Língua Portuguesa by Morais and Silva, second edition (1813).*

KEY WORDS: *linguistics borrowings from Portuguese language; Vocabolario degli Accademici della Crusca; Dicionário Morais e Silva.*

INTRODUÇÃO

Os dicionários são, desde sempre, depositários da vida e da história da língua que retratam. Registram o seu léxico, mas não somente isso,

* Doutoranda em Língua Italiana, pela USP, professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Cascavel.

contam e falam sobre as idéias que permeiam a sociedade que o constituiu, além de fornecerem indícios dos conceitos morais, sociais, preconceitos e ideologias e das reflexões e posicionamento intelectual do (s) seu (s) autor (es). Pode-se até compará-lo a um romance ou livro de história, bastando para tanto, valer-se da capacidade imaginativa do leitor, tão rico de informações se apresenta o interior das suas páginas. Folhear um dicionário, para quem o aprecia, constitui um prazer inigualável, uma fonte de informações sem limites, que não se esgota na última página. A respeito, Nunes diz que os dicionários contêm um discurso a ser examinado, o lugar onde no “espaço imaginário de certitude, sustentado pela acumulação e repetição”, pode-se “observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas” (NUNES, 2006, p. 11).

O *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (doravante *Vocabolario*) reflete, sobretudo, o pensamento da intelectualidade florentina que, durante quase todo o desenrolar do século XVI (o *Cinquecento* italiano), discutiu qual seria a melhor língua a ser adotada como meio comum na divulgação da cultura e literatura italianas. Na famosa polêmica sobre a língua, conhecida como *La Questione della lingua* (A questão da língua), existiam várias correntes unidas pelo mesmo desejo de uma língua comum, que fosse desvinculada da língua toscana. (MIGLIORINI, 1961, p. 339-350). Dentre elas, três tiveram relevância:

a) A **corrente cortesã**, inspirada na língua da corte de Roma, cidade cosmopolita, onde o afluxo de pessoas de todas as partes da Itália permitia uma língua supra-regional, portanto diferente do falar toscano, e que era, ao mesmo tempo, a língua da cúria papal. Os defensores dessa corrente “não queriam limitar-se à imitação do toscano arcaico, mas preferiam que fosse referendada pelo uso vivo de um ambiente social determinado, no caso a corte.” (MARAZZINI, 2002, p. 266). Os elaboradores dessa corrente eram Baldassare Castiglione e Vincenzo Colli, conhecido como Calmeta ¹, entre eles.

b) A **corrente italiana**, sustentada por Giovan Giorgio Trissino, natural de Vicenza, portanto, não toscano, tinha como base a tradução em língua italiana da obra de Dante, *De vulgari eloquentia*. Em 1529, Trissino sustenta no *Castellano*, sua tese de que a língua de Petrarca possuía vocábulos vindos de todas as partes da Itália, portanto não poderia ser definida como florentina, e, para comprovar a sua tese, apela para o tratado de Dante, no qual o autor da Divina Comédia contestava a primazia florentina como língua da literatura.

¹ Do nome de um pastor, extraído da obra *Filocolo*, de Boccaccio

c) a **corrente arcaizante**, a última, e também a vencedora, teve no cardeal Pietro Bembo o seu maior defensor. Na obra *Prose della volgar lingua* (1525) afirma que “a língua da literatura não deve aproximar-se da língua do povo”² e que devem ser escolhidos “os mais puros, os mais limpos, os mais claros...os mais belos e agradáveis vocábulos” (apud MIGLIORINI, 1961, p. 341), e exorta os escritores a esforçarem-se para alcançar uma língua elegante, imitando os grandes escritores do trezentos toscano. Propôs, portanto, a adoção da língua florentina praticada por Dante, Petrarca e Boccaccio como língua literária (cf. Migliorini, 1961; Marazzini, 2002).

O debate sobre qual a melhor língua a ser adotada por uma comunidade é, segundo Leite, “um processo recorrente em todas as comunidades linguístico-sociais. Logo o purismo linguístico, como preservação de um uso, ocorre em todas as instâncias sociais, em todas as normas linguísticas.” (LEITE, 2006, p. 31). Como essas discussões são normalmente geradas em âmbito político ou acadêmico, a tendência é querer preservar e *melhorar* o padrão linguístico da comunidade, recorrendo-se a exemplos de autores que sejam considerados modelos literários, instaurando uma língua culta literária que se distancia da língua utilizada pela população. Foi a partir das discussões sobre a língua a ser usada na literatura, que a *Accademia della Crusca* se baseou para gerar o seu primeiro vocabulário.

A QUESTÃO DA LÍNGUA E A CRIAÇÃO DO *VOCABOLARIO DEGLI ACCADEMICI DELLA CRUSCA*

Inicialmente a Academia da Crusca era apenas uma reunião formada por um grupo de amigos que se autodenominavam *Brigata dei Crusconi* (Brigada dos Cruscões), e que se reuniam entre os anos 1570-1580, apenas para divertimento e leituras amenas. Logo esta diretiva mudou: passou em 1585 a constituir-se em uma Academia de Letras, com o objetivo primordial de constituir um vocabulário que mostrasse e conservasse a beleza da língua florentina do século XIV, o trezentos italiano. Traduzindo o pensamento elitista de Bembo na questão da língua, a Academia assumiu o nome de *Crusca*, que em florentino significa farelo (de trigo), uma metáfora com o significado de separar a *flor da farinha* da *crusca*, isto é, separar as palavras mais belas das palavras consideradas *feias*, que seria o farelo da língua. A propósito, o prefácio da primeira edição do *Vocabolario*, publicado em Veneza em 1612, reflete o pensamento arcaizante de Pietro Bembo quanto à escolha dos verbetes e das abonações:

² As traduções ao longo desse artigo são de nossa responsabilidade

[...] de alguns escritos que mais parecem estrangeiros que pátrios, extraímos somente aquelas palavras que julgamos belas, significativas e do nosso uso, não usando as outras, as quais, antes estrangeiras que florentinas, poderiam causar mais confusão que beleza a essa [...] achamos necessário recorrer à autoridade daqueles escritores que viveram, quando este idioma floresceu, que foi dos tempos de Dante ou um pouco antes, e até alguns anos após, depois da morte de Boccaccio." (ACCADEMIA DELLA CRUSCA, 1612, prefazione). Grifos nossos.

A exposição que fizemos até o momento nos interessa, sobretudo, para mostrar que o *Vocabolario*, pelo seu componente eminentemente purista, não admitia a inserção de palavras oriundas de idiomas estrangeiros, mesmo que essas fossem correntes na língua falada e escrita. Migliorini (1961), Zolli (1995) Zaccaria (1905) atestam que palavras do português e do espanhol eram utilizadas na língua italiana desde antes das grandes navegações. Não nos esqueçamos que os italianos eram hábeis marinheiros e que possuíam interesses comerciais e viajavam juntamente com os portugueses e espanhóis, nas Índias Orientais e Ocidentais (como por exemplo Pigafetta, Sassetti, Varthema, etc.).

Na primeira edição do *Vocabolario*, de 1612 e na segunda de 1623, não se encontram entradas do português, apesar de palavras como *caravella* (1336), *baía* (1504) *cocco* (1514), *tolda* (1525) *marmellata* (1579) etc., serem já serem amplamente conhecidas. Somente na edição de 1691, é assinalado, pela primeira vez, um empréstimo do português – *caravella* – cuja primeira atestação na língua italiana está fixada em 1336. A quarta edição de 1729-1738 apresenta quatro empréstimos portugueses – *caravella*, *bucchero*, *cocco*, *imbarazzare* (com a flexão *imbarazzato* e a forma substantivada *imbarazzo*) – todas adaptadas graficamente ao italiano (SOCREPPA SHULTZ, 2007). Seria impensável, nesse período, quando o sentimento de purismo linguístico perdurava entre os membros da Academia, a transcrição do empréstimo, sem a devida adaptação gráfica ao idioma italiano.

O tratamento lexicográfico dado às entradas no *Vocabolario* é, desde a primeira edição, inovador, e representou a pedra angular na construção de dicionários modernos, seja pela quantidade de vocábulos registrados na entrada, seja pela riqueza do paradigma informacional, especialmente pelas modificações ocorridas no paradigma definicional, não mais apresentando somente sinônimos, mas procurando dar uma definição do vocábulo da entrada, pelas abonações e as partes introdutórias (DE MAURO (1963:451).

Hoje em dia, contudo, considerariamos esse modelo muito simples, carecendo dos elementos que hoje constam na macroestrutura e microestrutura ³ dos modernos dicionários, tais como as marcas gramaticais,

³ Para maiores conhecimentos sobre a macro e microestrutura dos dicionários ver Welker, 2004a e 2004b.

as marcas de uso, as remissivas, etc. A falta desses componentes na macro e microestrutura do *Vocabario* pode ser explicada pela falta de estudos metalexográficos, que surgiram apenas recentemente. Contudo, a ausência desses elementos não desmerece o valor da obra, que se constituiu como um modelo para a elaboração de dicionários monolíngues em todo ocidente. Vejamos como se apresenta o tratamento lexicográfico dado à entrada *cocco*, na quarta edição:

COCCO

Definiz: Spezie d'albero Indiano, che più comumente dicesi
COCCO DELLE MALDIVE.

Esemplio: red. esp. nat. 22. Avea portato nella corte di Toscana,
ec. alcuni pezzi di Tavarcarè, che da noi è chiamato
Cocco delle Maldive.

Esemplio: E red. Esp. Nat. 24. È necessario, che non il cocco
delle Maldive, ma il ferro armato sia ⁴.

Na microestrutura observamos que consta a) a definição, *espécie de árvore indiana*, b) um sinônimo *Coco das Maldivas*⁵;

c) duas abonações, estas extraídas de relatórios de viajantes. No exemplo da primeira abonação, consta mais um sinônimo, *Tavarcarè*, que no mahl, antiga língua das Maldivias significa *tesouro*, pela grande riqueza que a produção de coco significava para essa população. Quanto à definição, podemos verificar que está em desacordo com Bugueno & Beneduzi, que afirmam: “A definição lexicográfica deve apresentar uma exposição clara, mas não exaustiva” da entrada, e que muitos dicionários “não estabelecem um limite entre o significado de um objeto e o seu referente, o objeto extralingüístico” (BUGUEÑO & BENEDUZI, 2005, p.114). No exemplo, vemos que a definição se utiliza de um referente – *espécie de árvore indiana* – o que é muito vago, não descrevendo o conteúdo semântico-conceitual do objeto *coco* e a seguir dá um sinônimo do mesmo, *Coco das Maldivas*, usando de circularidade, isto é, tornando à palavra da entrada.

A EDIÇÃO DE 1863/1923

Esta edição, que se iniciou em 1863, em onze volumes, tem o

⁴ Tradução: COCO definição: espécie de *árvore indiana*, que comumente se chama COCO DAS MALDIVAS. *Exemplo:* red.esp.nat.22. Tinha trazido na corte de Toscana, etc, algumas peças de *Tavarcarè*, que por nós é chamado de Coco das Maldivas. *Exemplo:* E red.esp.nat.24. é necessário não o coco das Maldivas, mas que seja o ferro armado.

⁵ O arquipélago das Maldivas situa-se ao sudoeste da Índia.

primeiro volume dedicado a Vittorio Emmanuele II, primeiro rei da recém-unificada nação italiana (1861). Nos anos seguintes, foram publicados, em ritmo não sempre regular, outros dez volumes e interrompida a publicação em 1923, na letra O, sendo que a última entrada registrada é *ozono* (ozônio).

Em relação às edições anteriores do *Vocabolario* houve um aprimoramento na macroestrutura e microestrutura e no tratamento lexicográfico: uma sensível melhoria na quantidade de entradas e na exposição das partes introdutórias; o acréscimo da classificação de gênero; mais informações sobre a etimologia da palavra; uma substancial melhora na definição e comprovação das abonações e o mais importante, um maior registro de empréstimos linguísticos. Recolhemos, nessa edição, um total de 30 entradas de empréstimos do português, que registramos na tabela; na primeira coluna, a quantidade, na segunda, a entrada em italiano, e na terceira a tradução em português:

Entradas do português no Vocabolario, edição de 1863		
No.	italiano	Tradução em português
01	a ca gi ò / ca gi / ca gi ò	ca gi / ca gi ò
02	a l bi no	a l bi no
04	a l bi no	a l bi no
05	a re ca / a re ca	a re ca
06	a re ca	a re ca
07	be te	be te
08	be te	be te
09	be te	be te
10	be te	be te
11	be te	be te
12	be te	be te
13	be te	be te
14	be te	be te
15	ca ste l lo	ca ste l lo
16	ca ste l lo	ca ste l lo
17	ca ste l lo	ca ste l lo
18	ca ste l lo	ca ste l lo
19	ca ste l lo	ca ste l lo
20	ca ste l lo	ca ste l lo
21	ca ste l lo	ca ste l lo
22	ca ste l lo	ca ste l lo
23	ca ste l lo	ca ste l lo
24	ca ste l lo	ca ste l lo
25	ca ste l lo	ca ste l lo
26	ca ste l lo	ca ste l lo
27	ca ste l lo	ca ste l lo
28	ca ste l lo	ca ste l lo
29	ca ste l lo	ca ste l lo
30	ca ste l lo	ca ste l lo

Como se pode observar, houve um aumento relativamente grande de entradas do português, em relação à edição 1729/1738. Outro dado interessante, é que entram também palavras do português brasileiro, *acagiù*, *ananas*, *brasileiro*, *ipecaçuana* e *mandioca*. Os empréstimos estão todos adaptados à língua italiana, exceto *albino*, *areca*, *betel*, *casta* e *mandioca* que possuem a

mesma grafia em português sendo que atualmente mandioca é grafada em italiano *manioca*. Quanto ao tratamento lexicográfico, vemos que houve mudanças: tomemos como exemplo os empréstimos do português de Portugal, *casta* e *cocco*, e do português brasileiro, mais precisamente da língua tupi, *ananás*:

CASTA *sost. femm.*

Definiz: Ordine di cittadini, che per legge religiosa e civile ha suoi proprj uffici e privilegj e al quale si appartiene per nascita. Dicesi propriamente del popolo Indiano ed anche di qualche altro popoli orientale.

Etimol: Dallo spagn. casta, razza, stirpe, franc. caste; probabilmente dall'add. latino castus, quasi cosa pura, non mescolato con altre.

Esempio: Sassetti. Lett. 368 (...) e com'egli è di casta di bremene, ch'e la più nobile di tutti i gentili (...). ⁶

Observamos que foi incluída, na microestrutura, a informação gramatical de gênero, *sost. femm.*, (substantivo feminino); foram acrescentados dados etimológicos, como sendo originário do espanhol e do francês, além de dar a raiz latina, contudo não dá a etimologia do português, que é a aceita hoje (cf. SOCREPPA SCHULTZ, 2007). A abonação, que já constava desde a primeira edição, informa o contexto em que foi utilizada.

COCCO *sost. masc.*

Definiz: Sorta di palma di altissimo fusto, che cresce in Asia, in Affrica ed in America, e produce un frutto , il quale racchiude una grossa mandorla vuota in mezzo contenente un liquore bianco e dolcigno; ed è la coccos nucifera dei botanici.

§ *E per il frutto o Noce di essa pianta.*

Esempio: Sassetti. Lett. 249 Portavanoci ... cocchi o noci dell'India...son prima umore aquoso, poi coagulato. ⁷

Consta a variação de gênero, mas não a etimologia, porém acrescentaram na definição informações enciclopédicas, relativas à terminologia científica binominal (taxonomia formalizada por Lineu), *coccos nucifera* (família e gênero). Essa informação é relevante, pois estamos no século XIX, século em que os viajantes naturalistas abundavam em toda a

⁶ Tradução: CASTA subst. fem. *Definição: classe de cidadãos que por lei religiosa e civil possui seus próprios direitos e privilégios e aos quais se pertence por direito de nascimento. Aplica-se ao povo Indiano e a outros povos orientais. Etimologia: do espanhol, casta, raça, stirpe, Frances casta. Exemplo: Sassetti. Carta 368 (...) e como ele, é da casta dos brâmanes, que é a mais nobre de todos hindustânicos.*

⁷ Tradução: COCO subst. masc. *Espécie de palmeira de tronco altíssimo, que cresce na Ásia e na África, e produz um fruto que contém uma grande noz oca, na qual se encontra um licor branco e adocicado, e é a coccos nucifera dos botânicos. § o fruto ou a noz dessa planta. Exemplo: Sassetti carta 249 Traziam-nos ... cocos ou nozes da Índia... que são antes um líquido aquoso e depois coagulado.*

Europa. As explorações científicas trouxeram às Américas um novo impulso, e grande parte das plantas, animais e os seus sistemas ecológicos foram dados a conhecer ao mundo, por Humboldt, Darwin, Spix e Von Martius, Saint-Hilaire, Vandelli, Raddi, etc. Quanto à definição, é bem mais clara e enciclopédica, se compararmos àquela dada na edição de 1729-1738 (cf. cap.2). Acrescenta também distinção entre a planta e a fruta (*espécie de palmeira* e o *fruto ou a noz dessa planta*, respectivamente) e a abonação.

ANANAS e più comumente **ananasso**. *Sost.masc.*

Definiz: pianta venuta dall'America, il frutto della quale, che porta lo stesso nome, è di figura di una pina, ed ha un ciuffetto di foglie in cima; detta dai botanici Bromelia Ananas.

Esempio: Sassetti lett. 323: gli ananas, che si rassomigliano nella figura ad una pina color d'oro, e rendono tale odore della stanza dove si serrano, che non si desidera nè il muschio nè l'ambra, con il sapore della fravola e del zucchero mescolato insieme

Na entrada *ananas* os acadêmicos da Crusca acrescentaram variações de grafias do mesmo empréstimo: *ananas* e *ananasso*. Hoje prevalece a grafia *ananas*, com a pronúncia na sílaba inicial /'a.na.nas). A definição é também enciclopédica, o que é compreensível, pois a coisa *ananas*, era ainda pouco conhecida na Itália. A abonação além de fornecer o contexto, dá informações sobre a forma, o cheiro e o sabor da fruta (grifados na abonação) e compara esses dados com informações culturais da sua própria experiência. Essas informações são importantes para que o consultor do dicionário pudesse ter uma idéia da aparência da fruta.

O DICIONÁRIO DE ANTONIO MORAIS E SILVA

Com uma diferença de poucas dezenas de anos, temos em Portugal o lançamento do *Diccionario da Lingua Portuguesa* (doravante *Morais e Silva*), de Antonio Moraes e Silva, cuja edição de 1813 utilizamos para fazer um contraponto com o *Vocabolario*. Para Verdelho, (2003a, p. 473), o dicionário *Morais e Silva* iniciou a “moderna dicionarística monolíngue portuguesa”, contribuindo para a normatização e homogeneização da língua portuguesa e brasileira.

Nele, verificaremos qual o tratamento dado pelo lexicógrafo brasileiro às mesmas entradas do *Vocabolario* de 1863:

CASTA, s.f. Linhagem, geração. *B.* hoje dizemos *casta*, raça de animais; e só dizemos “homem de *má casta*,” *mão, ruivo de meio pello*, *má casta* e *mão cabelo*.

§ *Casta*: espécie de plantas.

Nessa entrada, o tratamento lexicográfico dado pelo *Morais e Silva* é bem mais simples. Apresenta o gênero, o sinônimo, que são intercambiáveis, mas não a definição, o que dificulta, nesse caso, a compreensão do que vem a ser a palavra *casta*. Acrescenta outra acepção, *raça de animais* e também algumas locuções: *má casta*, *mão cabelo*. Coloca também segunda acepção, *espécie de plantas*, porém não explica nada. Não apresenta abonações nem etimologias.

CÔCO, s. m. Fruto dos coqueiros, noz vestida de casca lígnea, mais ou menos forte, de que há muitas espécies. B. 3.3.7. *per razão da qual figura, ... os nossos lhe chamarão coco, nome imposto pelas mulheres a qualquer cousa, com que querem fazer medo às crianças.*

§ coisa com que se faz medo. V. do Art. 1.1.

§ *Fazer cocos a alguém*; querer causar-lhes medo como às crianças. *Albuq. Comment. Arraes, 8.4 carrancas, e cocos vãos.*

Como podemos observar, o tratamento lexicográfico dado à essa entrada é bem mais completo, faltando, em comparação com o *Vocabolario*, apenas a etimologia. O lexicógrafo *Morais e Silva* apresenta a definição que, no entanto não é muito elucidativa: *fruto dos coqueiros, noz vestida de casca* (...) e acrescenta outra acepção, *coisa que faz medo*, deixando sem explicações e locuções, *fazer cocos a alguém* e três abonações.

ANANAZ, s.m. Fruto Brasilico, a modo de pinha; tem sumo mui saboroso.

Uma definição sintética, que não apresenta grande clareza na definição. Como no *Vocabolario*, apresenta a aparência do abacaxi, *a modo de pinha*. O *Morais e Silva* não tem a entrada *abacaxi*, denominação que utilizamos atualmente para nomear a fruta, apenas *ananaz* (etimologia tupi) que se refere às diversas plantas do gênero *ananás*, no qual se inclui o abacaxi (HOUAISS, 2001). No italiano, a lexia *ananas* denomina o gênero e o fruto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme podemos perceber ao longo dessa exposição, vimos que o *Vocabolario* acompanhou o percurso diacrônico da língua italiana durante quase três séculos, evoluindo positivamente em direção a uma lexicografia cada vez mais elaborada, pensando no seu usuário e procurando acrescentar informações que facilitam a sua consulta. De uma ideologia completamente purista da primeira edição, caminhou para uma abertura significativa, com a aceitação de empréstimos de outras línguas. Vimos também como o dicionário *Morais e Silva* deu à língua portuguesa a sua contribuição, contudo o tratamento lexicográfico está muito aquém do *Vocabolario*. Esse, apesar

de não estar de acordo com o fazer lexicográfico atual, apresenta uma microestrutura mais detalhada.

A importância do dicionário como instrumento de sistematização do léxico de uma língua é ressaltado por Verdelho, quando afirma que “os dicionários são um instrumento imprescindível para a história das ideologias e mentalidades e de um modo geral para o reconhecimento da memória que nos identifica.” (VERDELHO, 2003, p. 419). Tanto o *Vocabolario* quanto o *Morais e Silva*, possuem o valor de documentos históricos que ajudam a compreender melhor a história das palavras do português, seja na língua portuguesa seja na língua italiana.

REFERÊNCIAS

ACCADEMIA DELLA CRUSCA. *Vocabolario degli Accademici della Crusca*. Venezia: Giovanni Alverti, MDCXII, 1612.

_____. *Lessicografia della Crusca in rete. Edizioni I, II, III e IV*. Disponível em: http://193.205.158.203/cruscle/lettura_immagini.jsp. Acesso em 15.jun.2010.

_____. *Vocabolario degli Accademici della Crusca*. 5°. Ed. 10.vol. Firenze: tipografia Galileiana di M. Cellini. E.C. 1863.

BUGUEÑO, Felix. & BENEDUZI, Renata. Aprendendo a ler um dicionário: análise de verbetes substantivos. In: *Revista Língua & literatura*. Frederico Westphalen, vol.6/7, n. 10/11, p. 113-122, 2005.

DE MAURO, Tullio. *Storia linguistica della Italia Unita*. Bari: Laterza, 1963.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

LEITE, Marli Quadros. *Metalinguagem e discurso*. Configuração do purismo brasileiro. 2ª. Ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

MARAZZINI, Cláudio. *La lingua italiana*. Perfil storico. Bologna: Il Mulino, 2002.

MIGLIORINI, Bruno. *Storia della lingua italiana*. Firenze: Sansoni, 1961.

MORAIS E SILVA, Antonio. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Lacerdina, 1813. (digitalizado pelo Instituto de Estudos Brasileiros, IEB – USP, São Paulo).

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes, 2006.

SOCREPPA SCHULTZ, Benilde. *Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceptuais*. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em língua italiana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

VERDELHO, Telmo. O dicionário de Moraes e Silva e o início da lexicografia moderna. In: *História da língua e história da gramática – actas do encontro*. Braga: Universidade do Minho, p. 473-490, 2003a.

_____. "Dicionários: testemunhos da memória linguística". In: *Encontro de Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa*, em homenagem a Helena Paiva, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 5-6 p. 413-427, Nov. de 2003b.

WELKER, H. A. A microestrutura e seus componentes. In: *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, p. 107-117, 2004a.

_____. A macroestrutura. In: *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, p.80-107, 2004b.

ZACCARIA, Enrico. *Contributo allo Studio degli iberismi e della Wechselbeziehun fra le lingue romanze*. Torino: Carlo Clausen, 1905.

ZOLLI, Paolo. *Le parole straniere*. 2.ed. Bologna: Zanichelli, 1995.